



Alfredo da Ponte

A Ilha do Arco-Íris

Estava longe de pensar que no quarto mês do ano corrente daria um salto a São Miguel. Ainda por cima, se algum de vós se recorda, há cerca de dois meses o tal Mané da Ribeira Grande tentou pregar uma pequena cacetada na companhia de transportes aéreos responsável pelas ligações entre Boston e Ponta Delgada.

É claro que o efeito foi nulo e, se calhar, alguns ainda se rirão dele quando virem onde esta crónica quer chegar.

Mas a vida tem destas coisas, e ninguém está livre de uma vez por outra apanhar agradáveis surpresas, como esta que apanhou o Manuel Medeiros, ao ser contemplado com uma viagem à terra que o viu nascer, num pacote acrescido de estadia e carro de aluguer. Tudo isto porque o filho, Derick Medeiros, que se vai casar daqui a uns meses, resolveu mostrar à noiva e aos futuros sogros a terra de berço dos seus pais.

O melhor de tudo é que resolvera estas mini-férias há já alguns meses, antes do natal, e por isso os preços ainda lhe saíram em conta. Graças a Deus!

Já se sabe que em primeira mão o Manel foi eleito guia-turístico para os seus futuros compadres, aos quais não prometeu mostrar as maravilhas da terra vestidas em trajas de gala, sabendo de antemão que em São Miguel o mês de abril dá-nos as quatro estações todos os dias, e contempla-nos várias vezes com formosos arcos íris.

A viagem de ida foi como um barco estacionado num porto abrigado, sem vento que o abanasse, e a pontualidade foi admirável. Além disso, pela primeira vez o Manel e a Maria presenciaram a falta das palmas quando as rodas do aparelho tocaram no solo ilhéu. Deve dever-se ao facto da ausência dos trambolhões pelo caminho, pelo que não foi vantagem nenhuma fazer uma aterragem perfeita. Terá sido só isso? Pronto, já se sabe que não! Tem mais esta: cerca de noventa e cinco por cento dos passageiros não eram portugueses de primeira geração. Assim está melhor explicado.

Por outro lado, já que estamos em maré dos aplausos que não foram dados, seria injusto esquecer os serviços do aeroporto, desde a alfândega à bagagem, e ao *rent-a-car*.

A surpresa da chegada foi encontrar alguns dos seus familiares, que para além das boas-vindas vieram a ser-lhes muito úteis, com o transporte da bagagem.

Mas o público louvor agora é que entra na estória. Vai para o Hotel Marina Atlântico, do grupo Bensaúde, que às oito da manhã permitiu-lhes o *Check-in*, em princípio programado para as três da tarde, convidando-os ao pequeno-almoço, e proporcionando-lhes algumas horas de descanso bastante desejadas. Quem consegue dormir durante uma viagem noturna faça bom proveito dos seus sonos.

Os futuros compadres do Manel pouco ou nada sabiam sobre as ilhas dos Açores antes de lidarem com o seu futuro genro. Embora sentindo orgulho de ter um mapa-múndi, na sua sala de estar, com referências a cerca de uma centena de lugares visitados neste planeta, faltava-lhes assinalar o arquipélago açoriano. Agora já está lá um alfinete de cabeça vermelha, no pontinho da ilha maior.

À apresentação dos visitantes estrangeiros acrescenta-se que Hellen Mc. Coy, de etnia irlandesa, já esteve em Portugal Continental, e diz que adorou ter a oportunidade de visitar o santuário de Fátima, numa excursão em que participara há alguns anos. Com Jimmy Sakur, seu esposo, que na linhagem familiar a ascendência judaica tem mais peso, passou-se algo interessante:

Nunca esteve em terreno lusitano. Mas quando viajava por vários países da Europa, de mochila às costas, na força dos seus vinte anos de idade, despedindo-se da Espanha tinha o bilhete na mão para tomar o comboio que o conduziria a Lisboa. Quando chegou ao ponto de embarque, disseram-lhe que Portugal fechara todas as suas portas, e ninguém sabia quando elas se voltariam a abrir. Todas as viagens para aquele país tinham sido canceladas. Era o dia 25 de abril de 1974!

Depois do merecido descanso de quase três horas, e de um duche para refrescar o corpo, a alma desejava devorar a ilha. Da varanda do hotel eram visíveis as antenas do Pico da Barrosa, naquela tarde cinzenta. Ir ver a Lagoa do Fogo seria uma aposta para aquele dia, porque as previsões meteorológicas para toda a semana não eram nada animadoras. Pensado, dito e feito.

Às duas em ponto o pessoal concentrou-se no *lobby*, onde apareceu o Mariano, sobrinho e afilhado do Manel, que mal soube que os tios e primos estariam na ilha naquela semana, tratou de pedir ao patrão cinco dias de férias. Manel, não tendo problemas com isso, passou-lhe a função de guia.

Enquanto seguiam para os lados da Ribeira Grande o centro da ilha saturou-se de nevoeiro. Já com a capital do norte à vista, alguns raios de sol penetraram na densa atmosfera, e ao longe brilhou um formoso arco-íris, cobrindo, praticamente, a cidade *Fusópolis*, que se apresentava claramente de rosto lavado.

Que tal um cafezinho, ou refresco, no Tuká-Tulá, enquanto o nevoeiro não se dissipa na Serra de Água de Pau?

Feliz ideia, porque o espaço foi recentemente todo remodelado. Mas o montante de viaturas no parque de estacionamento deu-lhes o primeiro sinal do recinto estar totalmente esgotado. Um fotografia às ondas gigantes, uns *selfies* com surfistas ao fundo, e até mesmo com o estabelecimento. Mais um arco-íris por cima das ondas, que ao levantar a crista o vento lhes batia em direção contrária, e quase as faziam enrolar para trás. Panorama único do areal de Santa Bárbara.

Nisto, notaram que as antenas da Barrosa estavam visíveis, e puseram-se a caminho da Lagoa do Fogo, porque teriam que esperar cerca de uma hora para serem atendidos no Tuká-Tulá.

A três quartos do caminho notaram que a Serra de Água de Pau estava novamente encoberta, mas prosseguiram, esperando um milagre, o que realmente veio a acontecer: nos demorados e frios dez minutos a lagoa mostrou-lhes três ou quatro diferentes aspetos do seu rosto, que os deixou maravilhados. Alguns *selfies*, que pecaram por não fazer justiça às maravilhosas paisagens, ganharam valor por registar o símbolo da aliança de Deus para com a Humanidade. Novamente o arco-íris, que tanto apareceu como se escondeu.

Aos primeiros raios de sol do segundo dia o Manel foi à varanda do quarto, antes de descer para o pequeno almoço, e reparou que dois ou três pinguins nadavam, ali mesmo, em frente das portas do mar. Reparou bem no local, e calculou a situação da velha piscina de São Pedro, antes de acrescentada a avenida, e de se ter modificado todo aquele lugar. Chegou mesmo à conclusão de que aquele retângulo de cimento na baía das portas do mar era a velha piscina.

Continuou a observar os pinguins, que se regalavam na água, ao largo, e prometeu a si próprio no dia seguinte ir até lá, dar um mergulho. Para isso, convidou o filho a fazer-lhe companhia, e por ele ter aceitado passou a ser a atividade de férias que mais gostou.

Ficou impressionado com o número de pinguins que frequenta diariamente aquele local, onde todos aparecem pelo horário da sua conveniência, sem nunca ficar o espaço saturado. Admirou-se também pela sua cortesia. O tal “bom-dia”, ou o simples “está bom?” que se estão raridades, pelo que se sentiu bem-vindo logo ao primeiro minuto.

Jimmy Sakur, vindo a saber dos planos do pai e do filho para o começo daquele dia, duvidoso, ou curioso, fez questão de os acompanhar para ver. Tirou duas ou três fotografias, e arrepiou-se ao certificar-se de que a água estava fria. Por sua vez, as mulheres, das varandas do hotel mergulharam seus olhares na baía, duvidando também a inclusão daqueles dois na marcha dos pinguins. Esqueceram-se de duas coisas: que o Manel nasceu no mar, e que “*filho de peixe sabe nadar*”.

Depois de uma entrada vagarosa e sem pausa, para o corpo se fazer à água, dois saltos triunfais à moda de “*splash*”. Mais dois ou três, para consolar; e o caso ficou arrumado.

Água fria consola! - Disse Manel aos visitantes. - Para vocês, deixo-vos à vontade a Caldeira Velha, ou a Poça da Dona Beija. Até mesmo as termas da Ferraria, ou a piscina do parque Terra-Nostra.

Aquela superfície cimentada em cima do basalto negro, em harmonia com a profundidade do mar, fez o Manel reviver as suas Poças da Ribeira Grande dos anos setenta. Consolou-se. E se lhe perguntarem qual foi a parte das férias que mais gostou, sem dúvidas dirá que foram os banhos de água salgada.

Para os estrangeiros, o que nunca lhes apagará da memória será o arco-íris, que os acompanhou diariamente, aparecendo de vários tamanhos, umas vezes com cores mais vivas, outras nem tanto. Em certos casos duplicados. Como aconteceu nas Cumieiras das Sete Cidades, e nos lados do Nordeste, perto do Pico da Vara.

A Ilha estava cheia de gente, e Manuel nela se sentiu a mais. A cada dia que passava, diante de si observava um novo navio de cruzeiro; e dias houve em que chegou a ver dois ou três. Depois foi informado que ao largo da Ilha havia mais barcos à espera de espaço no porto, e que nem o molhe da velha doca, nem o espaço das portas do mar estavam a dar contas do recado à procura que não se sabe onde vai parar.

Realmente, a Ilha não é a mesma. Aquela que deixou nos anos oitenta leva-a consigo para toda a parte. Esta, que era sua, agora é de todos e de ninguém. Quando visitou o parque Terra-Nostra, nas Furnas, reparou que a quantidade de turistas que lá se encontravam encheria o Campo de São Francisco. Pensou com os seus botões: “*Se agora, em abril, a ilha está assim, tão cheia, como não estará em julho ou agosto?*” Eis a resposta para quem levou este tempo todo sem perceber a razão dos preços exorbitantes da SATA para as viagens daqueles meses.

Deste pensamento descarrega à boca cheia, e diz à malta que não é problema dele. Por si, por este ano tem a missão cumprida. Para o ano, Deus dará. Haja saúde!

Peço a Deus para me dar
Sapiência e virtude,
Bom dinheiro a ganhar,
Alegrias e saúde.

São Miguel não sai de mim,
Carrego-a para onde vou.
Por gostar de ser assim
A Ilha me cativou.

Nela vive o arco-íris
Como se fosse ex-libris
Desta ilha que enobrece.
Foi durante uma semana
Mais que uma flor humana
Qu'aparece e desaparece.